

Jovens em conflito com a lei e... consigo mesmos!

Começamos, em janeiro de 2003, um trabalho articulado com outros educadores que deve durar três anos, durante os quais estaremos fazendo teatro com *jovens em conflito com a lei*, antes chamados de *jovens infratores*¹ – ou pior: delinquentes.

Esta mudança nomenclatural é curiosa: se são infratores, isto significa que a lei está certa e eles cometeram transgressões puníveis; se estão em conflito com a lei, a lei pode ter sua parcela de culpa neste conflito.

Este é o nosso novo desafio: descobrir as causas profundas, além das aparências dos autos policiais, dos visíveis conflitos do jovem: com a lei, com a sociedade e... consigo mesmo. Como fazê-lo?

Temos um método de trabalho, o Teatro do Oprimido, cuja atividade artístico-pedagógica se fundamenta em cinco postulados essenciais que revelam a sua filosofia humanística:

1 - Trabalhamos com os *oprimidos* – cidadãos aos quais se subtraiu o direito à palavra, ao diálogo, ao seu território, à sua livre expressão,

1 Mudança de cena, nome deste projeto, tem múltiplos parceiros – o People's Palace Projects, da University of London, dirigido por Paul Heritage, coordena estruturalmente as suas diversas atividades, realiza parte do trabalho pedagógico com os seus próprios educadores, financia o projeto, e foi a origem desta inquietação; o CESEC, dirigido por Julita Lemgruber, faz os estudos sociológicos pertinentes; a Fundação do Jovem Cidadão tem a função de analisar os resultados deste trabalho; o CTO - Centro do Teatro do Oprimido do Rio de Janeiro, por mim dirigido, atua com a sua metodologia teatral específica. Este texto se refere unicamente à nossa própria experiência com o TO.

Todos estes parceiros estão relacionados ao DEGASE, sistema que cuida dos jovens em estabelecimentos judiciais. Para esse projeto, cada organização traz a sua metodologia. São semelhantes nossos objetivos e diferenciados nossos métodos. O trabalho em conjunto é possível porque temos, todos, uma visão humanística da sociedade: queremos humanizar a humanidade.

à sua liberdade de escolha –, com os quais nós nos identificamos, sentimos analogia ou intensa solidariedade.

2 - Queremos ajudá-los a recuperar a linguagem teatral, linguagem humana por excelência, geralmente perdida após a infância. Buscamos a difusão do nosso método estético entre todos os oprimidos, buscamos a *multiplicação* e não o limitado consumo individual.

3 - Queremos ajudá-los para que se transformem de espectadores passivos, na vida e no teatro, em protagonistas, no teatro e na vida.

4 - No presente, o TO ajuda seus praticantes a analisar o passado, em linguagem teatral, para que possam inventar o futuro. O TO busca transformar a realidade e não apenas compreendê-la e, resmungando, lamentá-la.

5 - Desejamos promover a *educação estética dos oprimidos*, pois o ato de transformar é transformador: desejamos desenvolver as capacidades artísticas e estéticas dos participantes, inclusive e além das artes teatrais, além da obra de arte.

Nossa primeira tarefa, ao iniciarmos um novo trabalho com um novo grupo, consiste em identificar oprimidos e opressores, para que se possa organizar um sistema estrutural de conflitos teatrais que reflita a verdade de cada situação, sem *parti-pris*. No caso do DEGASE, os oprimidos que nos interessam – em primeiro lugar, mas não exclusivamente – são os jovens, os mais despossuídos se levamos em conta as condições de quase impotência em que se encontram.

Onde estarão seus opressores? Entre os próprios jovens? Nas lutas de bandos? Preconceitos? Humilhações? Tráfico? Ou serão seus opressores os funcionários chamados de *repressores*, em contraposição aos *socioeducativos*? Ou opressivos serão os rituais de cada unidade? Ou a escassez das visitas familiares, que rompe elos do jovem com o *mundo livre*?

Seu extremo cansaço é típico da ausência de atividades físicas e intelectuais e do imobilismo a que são forçados – contrário a toda idéia de reeducação, recomeço.

O imobilismo prolongado destrói a massa muscular e reduz a atividade psíquica. Os jovens são imobilizados na faixa etária em que

mais necessitam de movimento, em que as atividades física e intelectual não servem apenas à manutenção da personalidade e do corpo, mas à sua formação e expansão.

A ausência de atividades físicas e intelectuais deforma e atrofia. O *castigo do imobilismo*, que representa uma *pena carcerária* adicionada à *pena judicial*, vai marcá-los para o resto da vida.

Temos a obrigação de examinar a estrutura judicial com a qual estão em conflito. Em nosso vasto país, alguns juízes, afogados em montanhas de processos, ditam sentenças que devem ser cumpridas em unidades que o próprio juiz desconhece, o que significa desconhecer o alcance da sentença que profere. Como se um médico receitasse remédio sem saber a composição química do medicamento ou a natureza da doença, conhecendo apenas seus sintomas. Justiça às cegas, no sentido mais literal do termo.

Ou estarão as opressões juvenis nas delegacias, na instrução dos processos, na burocracia e nos ouvidos moucos? Na ideologia de confinamento?

Sendo vasta a área da nossa atividade, nosso trabalho – para que seja útil e válido, para que produza o diálogo pedagógico e não o enfrentamento hostil, para que não se parcializem nossas conclusões – deve incluir todos os integrantes do Sistema. Todos devem ser por ele beneficiados: não podemos trabalhar apenas com os jovens, mas com todos.

O Teatro do Oprimido é o teatro da confrontação, livre e democrática, de ações, idéias e propostas: é necessário trabalharmos com pessoas livres e conscientes, capazes de externar seus desejos. Mas... como introduzir a liberdade dentro dos muros da prisão?

Cada uma das pessoas com as quais trabalhamos *deve ser vista como única – é única!* Cada individualidade deve ser revelada, estimulada e respeitada, sejam quais forem as características que a singularizam. Diante de cada idéia, cada cena, cada acontecer, devemos mostrar *respeito, admiração, espanto e surpresa.*

Todas as idéias que rolam sem reflexão são clichês, tanto mais nefastos quanto mais vazios de sentido ou razão. A ideologia prevale-

cente neste Sistema não é um conjunto de valores nos quais cada indivíduo acredita depois de séria reflexão: são lugares-comuns impostos, valores não analisados, que passam de cabeça em cabeça, anestesiando inteligências. Não houve confronto de pensamentos contraditórios, nem decisões: houve aceitação, às vezes, imposta pelo medo de discordar ou pela incapacidade de criar.

É preciso que mostremos que cada indivíduo, seja qual for sua função dentro desse Sistema, é capaz de pensar alternativas para cada ato que pratica, cada hábito não questionado, cada frase mecanicamente repetida.

Cada jovem é diferente e único; temos que reconhecê-lo na sua *unicidade*: este é o primeiro passo para a afirmação da sua *liberdade prisioneira*. Cada funcionário tem suas necessidades salariais, familiares, profissionais. Temos que compreendê-las e ajudá-los a expressá-las.

Um presidiário escreveu em seu poema: “Eu sou livre na prisão!” Usou o verbo *ser* e o pronome pessoal *eu*. Nossos interlocutores devem ser capazes de dizer: “Eu sou, eu penso, eu preciso, eu quero, eu faço!” – acreditando no que dizem.

Cada ser humano é insubstituível. Temos que descobrir esta insubstituibilidade de cada um dos nossos parceiros. Sempre com *respeito, surpresa, admiração e espanto*.

Não podemos, *a priori*, condenar ninguém, muito menos os jovens *em conflito com a lei*, porque temos que julgar, primeiro, a estrutura social em que foi criado e a lei que lhe é imposta.²

Afirmações categóricas do tipo “*isso não se faz!*” reproduzem o autoritarismo ao qual o jovem está habituado e provoca distancia-

2 Em um dos piores reformatórios judiciais do Rio de Janeiro, um funcionário, para mostrar a natureza e enfatizar a periculosidade do seu trabalho, disse: “Esses rapazes são o lixo da sociedade!” Engano seu. Os jovens não são lixo: são a lixeira sobre a qual a sociedade joga seu lixo moral.

Usando essa expressão tristemente comum, aquele funcionário continuou afirmando que se sentia orgulhoso em trabalhar em uma atividade tão penosa como necessária, e humilhado por fazer um trabalho que poucos gostariam de fazer e que era tão desprezado. Humilhado pelo olhar “dos outros”. Temos que valorizar esse trabalho e esse trabalhador, não nas suas atividades repressoras, mas nas suas funções pedagógicas.

mento. Mesmo que seja verdade o que dizemos, a forma de dizer é essencial. Perguntas do tipo “...e além disso, o que poderia ter sido feito?” ou “você acha mesmo que não haveria outra solução?” abrem leques de possibilidades para que uma nova escolha seja feita. Abrem olhos!

Se nós temos tanta certeza do que pensamos, por que não haveríamos de ter confiança no nosso poder de convencimento? Se temos tanta certeza no poder criador da dúvida, por que só deveríamos oferecer certezas?

Claro que temos que impor limites, mas de forma interrogativa: “Será mesmo assim? E se fosse o contrário?” À ditadura do mundo do tráfico, doente, não podemos contrapor a ditadura do mundo sadio que nós, supostamente, representamos. Ao modo *imperativo*, devemos contrapor o modo *subjuntivo* e não uma outra ordem definitiva, imperial.

Jovens delinqüentes deveriam, em uma sociedade sadia, ser curiosas exceções – no Brasil, país da injustiça, são a regra.

Disse um jornal nova-iorquino que os EUA terão, dentro de 30 anos – a continuar a progressão geométrica do número de presos e prisões –, mais gente dentro das grades do que fora delas. No Brasil, se não for mudado seu rumo, neste mesmo período trintenário as mulheres das comunidades pobres já serão convidadas a parir dentro das casas de reclusão, em berços gradeados e com mamadeiras algemadas, por motivo de segurança.

Situações novas estão à nossa frente. Estamos habituados a trabalhar com núcleos de conflito em que oprimido e opressor dispõem de forças díspares, mas dentro de limites onde o enfrentamento é possível.³ No DEGASE, temos uma equação na qual um dos termos é todo-

3 São situações novas nas condições em que, no Brasil, se apresentam hoje. Já trabalhamos, porém (sobretudo na França e na Suécia), com jovens psicóticos, quando nossa função se torna mais assistencial, tendo que ajudá-los a compreender o mundo tal como é, antes de ajudá-los a tentar integrar-se nele ou reformá-lo; já trabalhamos com alunos repetentes, indignados contra o sistema educacional francês que os trata como fracassados. Esta é, no entanto, a primeira vez em que nos encontramos com oprimidos e opressores dentro de uma imensa estrutura judicial.

poderoso e, no outro, a imensa força é apenas interior: força de vontade e de invenção.

Não podemos repetir Dom Quixote naquele episódio em que, imbuído das melhores intenções, salvou uma criança que estava sendo punida pelo pai, ameaçou o pai e, diante da sua falsa promessa de comportar-se melhor com o filho, abandonou a criança à fúria paterna. O menino gritava a cada golpe que recebia, mas Quixote, garboso, cavalgava, distante e altivo, em busca de novas aventuras libertadoras...

A ponte

Certas condições, não necessariamente conscientes, influenciam nosso diálogo com os jovens. Não devemos carimbá-los de *prisioneiros*: são, antes de tudo, *adolescentes*. Para criarmos a necessária ponte de diálogo com os jovens, temos que levar em conta aspectos essenciais do nosso trabalho:

1 - Nosso encontro com os jovens é um enfrentamento imagético: de um lado, *Curingas*; do outro, *adolescentes*. Dois grupos com nítidas diferenças e poucas semelhanças. Somos os que vieram de fora, com a carga emotiva do que significa *viver lá fora*, gozando a liberdade que desejam, se não a têm, ou desejam ampliar, se *assistidos*. De forma inconsciente, sentem que roubamos seu sonho ou que vivemos, na realidade, a vida que sonham. Nós estamos livres, *mesmo na prisão*; eles estão presos, *mesmo em liberdade vigiada*.

2 - Fomos convidados pela direção do DEGASE e não por eles, jovens. Isto nos identifica à autoridade que os castiga. Mesmo os educadores e guardas não foram consultados. Sua submissão revoltada opera contra nós.

3 - Para uns e outros, nós viemos com a *missão*, assalariada, de *transformá-los em alguma coisa que eles não são e não sabem qual é*. Trabalhar conosco significa, de início, perda de identidade e o nosso trabalho é desestruturante. Assusta.

4 - Temos que fazê-los confiar não apenas em si mesmos, mas também em nós. A confiança mútua será a base sólida do diálogo!

Nossa parceria é assimétrica e esta assimetria tem que ser reconhecida no trabalho, não só em palavras.

5 - Nosso trabalho não será secreto: espectadores distantes receberão ecos, deformados, da nossa visita. Esta oculta platéia de guardas, educadores, funcionários, diretores e famílias não será imparcial: cada setor perceberá o que fizermos pela ótica dos seus desejos.

6 - Internos e funcionários sabem que fomos convidados para transformar o *status quo*. *Mudança de cena* é título inequívoco: naquele palco, viemos para *mudar o cenário no qual são eles os atores principais*. Ameaçamos sua estabilidade e invadimos seu território. Cuidado: até a instabilidade prolongada pode significar a estabilidade do instável; pode criar hábitos, pode lhes dar segurança. Mesmo a dor vicia e pode ser fonte de estranho prazer.

7 - Devemos aprender, juntos, o que fazer. Viemos ajudar adolescentes, guardas, educadores e funcionários a realizarem mudanças, para o bem de todos. Temos que manter diálogos com as *autoridades* – somos aliados circunstanciais, temos os mesmos objetivos declarados: unifiquemos nossos meios. Nossa presença ocupa parte do seu espaço: é natural que se sintam invadidos até o momento em que nos verão como parceiros.

8 - Devemos usar linguagem acessível, mas não infantilizadora. Não podemos, sobretudo, cair na tentação de aceitarmos a sua gíria. Não devemos buscar falsas identificações: aceitar uma gíria específica *pode significar a aceitação de uma ideologia com a qual aquela gíria está associada*. Falando a nossa língua estaremos, esteticamente, mostrando outra visão do mundo que pode ajudá-los a compreender a sua. Não devemos fazer de conta que somos como eles. É importante que se note a diferença: sabendo quem somos, eles descobrirão quem são.

9 - Os jogos devem respeitar as limitações normais que se aplicam aos adolescentes: não tocar o corpo; ter cuidado com os jogos de cegos etc. Devem estimular o trabalho solidário. Nossos Curingas devem ter a liberdade de escolha, dentro do nosso arsenal,³ e estar atentos à

3 *Jogos para atores e não atores* – Editora Civilização Brasileira.

continuidade do projeto, de uma sessão à outra, para que os adolescentes sintam que estão construindo algo duradouro. A falta de estrutura temporal nas suas vidas cotidianas deve ser amparada por uma estrutura seqüencial de jogos e técnicas, que façam a ponte entre um dia e o próximo.

10 - Nosso trabalho deve ter caráter lúdico: é prêmio e não castigo. Isto é importante para a harmonia do grupo e para que se introduza o aspecto estético, sensorial, da nossa proposta.

11 - A maioria dos jovens pensa que não tem nenhuma força ou poder, que tudo está fora do seu alcance e é imprevisível. A que horas será servido o café? De onde virá o castigo e com qual intensidade? Faz parte da tortura infligida aos jovens, ao lado do cerceamento da sua liberdade no espaço, a sua *desintegração no tempo*. Será importante obter da direção da unidade, logo nos primeiros encontros, uma medida *reclamada pelos jovens*, para que a idéia de fatalidade seja substituída pela idéia de que a vida se constrói e o futuro se inventa!

12 - Conheço a sensação de impotência imanente à prisão; conheço a sensação de não ter no bolso a chave da porta. Sendo a prisão imobilizadora, devemos ressaltar o caráter criativo e mobilizador do teatro. Nas nossas oficinas, temos que exaltar os momentos em que *os jovens decidem, inventam e assumem uma forma de poder: sua inteligência e sua criatividade*. Devemos prolongar estes momentos e repeti-los.

13 - Não podemos iludi-los, fazendo com que acreditem que todas as mudanças serão possíveis. Não podemos dar a impressão de onipotentes artistas que tudo vamos transformar. Muitas causas de sofrimento, porém, são evitáveis.

Meta em longo prazo

A pena cumprida, como será possível retornar o jovem ao mesmo conjunto social que os levou ao delito e ao crime? Como transformar este conjunto?

Sonhando os sonhos que preparam a realidade – não os que a dissimulam ou eludem! Os jovens devem inventar sociedades ideais em que

os direitos humanos, os seus e os alheios, sejam seus fundamentos. Se não valorizam a vida breve, nem temem a morte certa, temos que mostrar, esteticamente, que viver permite viver, criar, inventar, aprender, brincar, amar. Morrer nada permite além do último gesto.⁴ Temos que valorizar a vida e mostrar sua beleza – somos estetas.

Uma das técnicas do TO que podem ser usadas é a imagem de transição: imagem do real, imagens ideais possíveis, imagens de transição.

Qual será o suporte ético das imagens ideais? Esta é a meta principal deste projeto do Teatro do Oprimido no DEGASE: *estimular seus participantes a criar um sistema ético de direitos humanos*, antes e depois da reconquista da liberdade.

Outra técnica que pode ser usada, apesar de ainda estar em desenvolvimento, é a *imagem da escolha*, que ajuda a analisar, simultaneamente, várias opções alternativas. É uma técnica subjuntiva por excelência.

A vida é escolha: tudo o que fazemos nega o que poderíamos ter feito. Todo ato contém a sua negação: não devemos ter medo de sermos dialéticos – é saudável. No Fórum normal, buscamos o melhor caminho. Aqui, devemos desbravar caminhos: como seria se tivesse sido? Como poderá vir a ser?

É mais importante fazer com que os jovens pensem alternativas do que apontar a melhor ou a única *certa* – estão fartos de certezas; entre elas, a delinqüência. Precisam ser dinamizados para buscar hi-

4 Penso, timidamente, que existem três formas, pelo menos, de suicídio: uma é a do suicídio individual, em que o suicida, por mil razões, prefere a morte. Chamo de *individual* mesmo sabendo que, em muitos casos, quando se mata, o suicida mata alguém: é contra alguém que a sua arma aponta, ao apontar contra seu peito. Existe o suicídio religioso, como o dos kamikazes japoneses, homens-bombas palestinos e homens-boeings islâmicos, que se matam por um dever religioso e que supõem uma recompensa no Paraíso. Nestes dois casos, existe a recompensa: matei, matando-me; ou, matando, vou para o Paraíso. Mas... qual será a recompensa do suicídio social dos jovens do narcotráfico quando se expõem ao risco mortal? Será que isto lhes permite viver mais totalmente a curta vida? Talvez possamos descobrir alguma coisa sobre este tema.

póteses, sem delinquir. A delinqüência é *uma* alternativa: existem outras. Quais?

Outras técnicas do *Arco-íris do desejo* podem ser úteis: *Imagem analítica*, *Carrossel de imagens*, *Imagem caleidoscópica* etc. Menos recomendáveis são as técnicas introspectivas mais avançadas, como *O tira na cabeça*.

Feira da arte em liberdade

Ao lado do Teatro do Oprimido, deve existir a Feira do Oprimido, como quando promovemos o *Ser humano no lixo*, desta vez mais abrangente, que inclua artes plásticas, poesia, literatura. A prática das artes ajudará os jovens a ampliar sua percepção do mundo à plenitude dos seus sentidos e da sua inteligência.

Essa grande feira deve ser mostrada, de tempos em tempos, dentro de um grande teatro ou em áreas públicas: espetáculo mural com peças, músicas, esculturas, pinturas, poemas e projetos de lei, Teatro Legislativo – os direitos humanos, na cena já mudada.